

## Artigo

# Valores e usos da natureza amazônica: O artesanato e o potencial conservacionista da entidade agroextrativista “Natureza & Arte” na Comunidade do Cafezal em Barcarena (PA)

Luiz Augusto Soares Mendes

Wesley Matheus dos Santos Cardoso

302

### Resumo

O presente artigo faz uma abordagem acerca das práticas artesanais desenvolvidas no “bairro” Cafezal, no município de Barcarena, Estado do Pará. Uma atividade que nasce devido à necessidade de conservar a memória territorial e os saberes originários amazônicos, ligados à “sociobiodiversidade”, mas que vem se perdendo mediante aos avanços da “modernização” e o “desenvolvimento” empresarial sob áreas rurais, ribeirinhas e florestais. Contudo, nossa problemática assenta-se em saber: como a prática artesanal local é benéfica para o ambiente e a sociedade do Cafezal? Para responder ao questionamento, objetivou-se inventariar a construção social do Cafezal; avaliar a extensão do impacto sobre as áreas de extração da argila e diagnosticar as (re)configurações sociais, mediante ao avanço do trabalho artesanal na comunidade. A metodologia de pesquisa se pautou em uma pesquisa participante, juntamente a levantamentos documentais, consulta ao acervo pessoal de membros da comunidade do Cafezal, bem como na associação de artesãos e na observação da cadeia produtiva de criação das peças em argila. A pesquisa apresenta como resultado principal a pluralidade dos saberes originários-tradicionais amazônicos, que sofreram e sofrem mudanças ou modificam a própria paisagem do território, seja ela dos contrastes sociais ou do próprio ecossistema. Para tanto, entende-se que o enfoque das discussões a partir das questões da Ecologia Política, coloca-se como imprescindível devido à racionalidade ambiental mantida na localidade, constatando a validade local de um “território dos artesãos”.

**Palavras-chave:** Conservação; Ecologia Política; Racionalidade Ambiental; Território Artesanal.

## **Values and uses of Amazonian nature: Craftsmanship and the potential for conservation of the agroextractivist entity “Nature & Arts” in the Community of Cafezal, Barcarena (state of Pará)**

### **Abstract**

The present article approaches the handcraft practices developed in the “neighborhood” of Cafezal, in the municipality of Barcarena, State of Pará. An activity born due to the need of territorial memory and the original Amazonian knowledge preservation, connected to sociobiodiversity, which is being lost through the advances of “modernization” and corporate “development”, both carried on rural, riparian and forest areas. However, our problem is fixed on knowing: how the artisanal practice is beneficial the local environment and society? In order to answer the question an inventory of the social construction in Cafezal was performed; together with an evaluation of the extension of the impact on the areas of clay extraction and a diagnosis of the social (re)configurations, concerning the advance of artisanal work in the community. The methodology of research was guided by a participant survey, along with documental surveys, consultation to personal archives of the members of Cafezal community and the association of artisans as well as the observation of the productive chain in manufacturing the clay pieces. The research presents as main result the plurality of original-traditional Amazonian knowledge, which suffered or have been suffering changes or modify the landscape of the territory itself, that being of social contrasts or the ecosystem. For such, it is understood that the focus of discussions from the issues of political ecology is essential due to environmental rationality maintained in the locality, noticing the local validity of a “territory of artisans”.

303

**Keywords:** Conservation; Political Ecology; Environmental Rationality; Artisan Territory.

## **Valeurs et utilisations de la nature amazonienne: L’artisanat et le potentiel conservateur de l’entité agroextrativista "Nature & Art" dans la Communauté du Cafezal à Barcarena (Pará)**

### **Résumé**

Cet article traite des pratiques artisanales développées dans le "quartier" de Cafezal, dans la municipalité de Barcarena, État du Pará. Une activité née de la nécessité de conserver la mémoire territoriale et les savoirs d’origine amazonienne, liés à la sociobiodiversité qui se perd avec les avances de la "modernisation" et du "développement" d’entreprise, tous les deux sur les zones rurales, riveraines et

forestières. Cependant, notre problématique cherche à comprendre : comment la pratique artisanale locale est-elle bénéfique pour l'environnement et la société locale? Pour répondre à cette question, l'objectif a été d'inventorier la construction sociale de Cafezal; évaluer l'ampleur de l'impact sur les zones d'extraction de l'argile et de diagnostiquer les (ré)paramètres sociaux, en progressant le travail artisanal dans la communauté. La méthodologie de recherche a été guidée par une recherche participative, ainsi que par des enquêtes documentaires, la consultation de la collection personnelle des membres de la communauté de Cafezal, ainsi que par l'association des artisans et l'observation de la chaîne de production de création des pièces en argile. La recherche présente comme résultat principal la pluralité des connaissances originaires-traditionnelles amazoniennes qui ont subi et qui subissent des changements ou modifient le paysage du territoire, soit concernant des contrastes sociaux ou de l'écosystème lui-même. Pour ce faire, il est entendu que l'approche des discussions à partir des questions de l'écologie politique se pose comme indispensable en raison de la rationalité environnementale maintenue dans la localité, en constatant la validité locale d'un "territoire des artisans".

**Mots-clés:** Conservation; Écologie Politique; Rationalité Environnementale; Territoire Artisanal.

## Introdução

Nos espaços amazônicos a cultura local é atrelada pelos laços históricos que cada sujeito e comunidade tem com o território, o que revela a diversidade social e biológica da Amazônia, seja como bioma, seja como espaço social. Uma pluralidade cultural gerida por formas políticas de gestão, de produção e de utilização dos elementos naturais, em que os saberes são repassados de geração para geração, forjando saberes ancestrais do território vinculados à dimensão simbólica e material do povo com a terra. No terreno onde habitam, as populações existem ao produzir diferentes territórios, lugares e paisagens, que podem contribuir para um entendimento da Ecologia Política e para a existência de uma Geografia Ambiental de cunho amazônico.

Seguindo essas ideias, busca-se expor várias outras discussões que expliquem as dinâmicas “socio-bio-espaciais”<sup>1</sup> que ocorrem no bairro Cafezal,<sup>2</sup> localizado no

---

<sup>1</sup> Neologismo para enfatizar a compreensão da relação imanente entre a produção social do espaço e a natureza, evidenciando a necessidade de entender como a geografia coloca-se como ciência que entender a relação imbricada e dialógica, sem a capacidade de separação, entre as relações humano-natureza, humano-humano e natureza-natureza.

<sup>2</sup> O bairro originalmente tem o nome de Cafezal devido ao seu potencial produtivo ainda no século XIX onde era apenas uma fazenda. Ressalta-se a importância que a região amazônica tem para a inserção de um dos maiores potenciais produtivos que o País teve, que foi o Café. O café chega à Região Amazônica pelas mãos do militar e sertanista “Francisco de Mello Palheta”, que foi mandado à Guiana francesa por ordem do então governador da

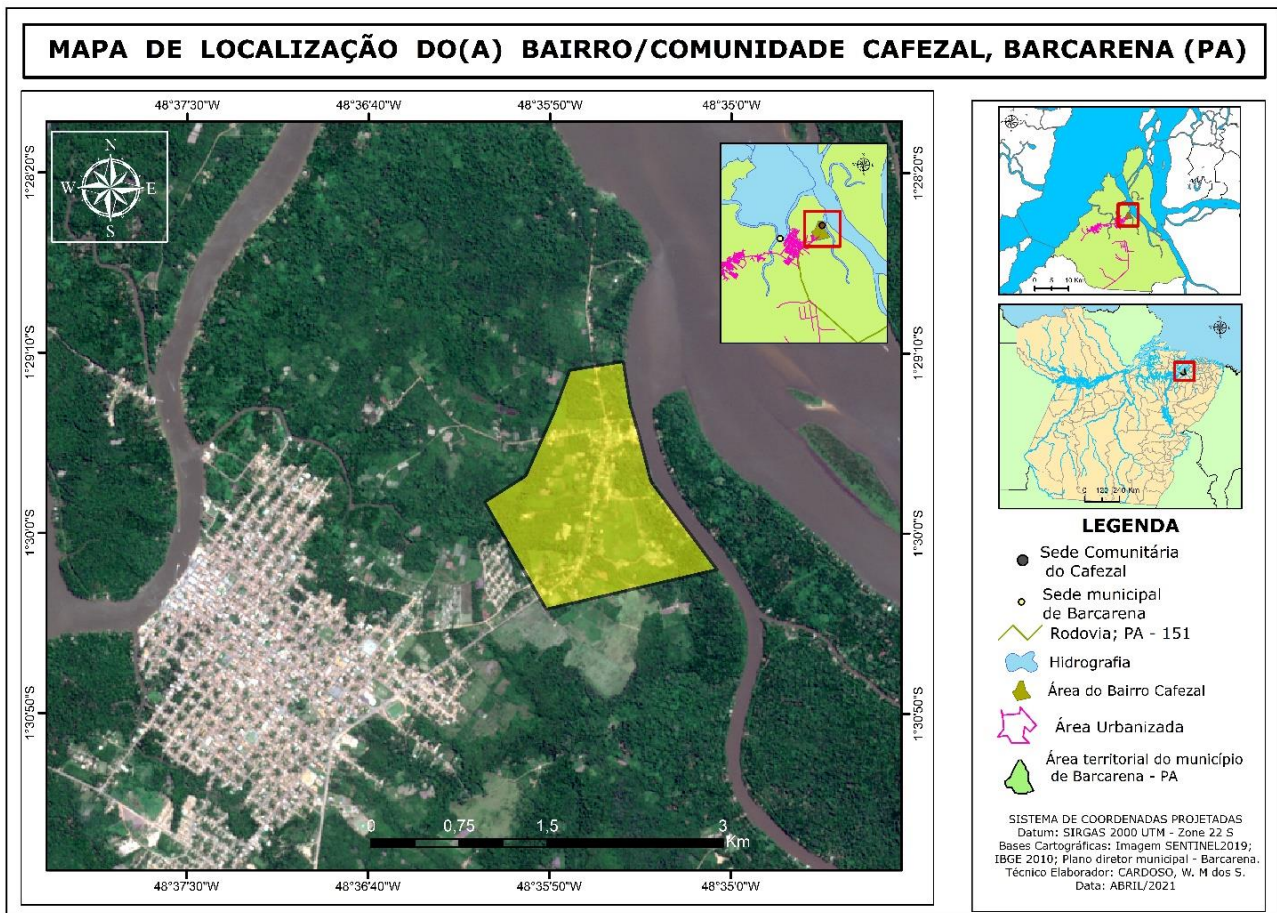
município de Barcarena, nordeste do Estado do Pará. A história desse bairro liga-se a um engenho de café e de açúcar, construído no ano de 1850, no período imperial, onde houve uma forte migração portuguesa à província do Grão-Pará. Uma construção histórica que, irresponsavelmente, anos mais tarde, teria seu projeto arquitetônico destruído.

Com o passar dos anos, os moradores locais foram adquirindo saberes e uma rotina campesina, bem como ribeirinha, em que o extrativismo, a agricultura e a pesca tornaram-se as práticas mais características no dia a dia da população. Porém, o processo de urbanização modifica o entorno e o próprio engenho, ou seja, a paisagem, por conta da apropriação dos elementos naturais e o crescimento desenfreado de ocupação urbana no município de Barcarena como um todo. A comunidade nesse processo passa a ser reconhecida juridicamente como um bairro, porém possui uma dinâmica socioespacial que a liga com a terra, o rio e a floresta, a partir da condição dos ribeirinhos e lavradores, pessoas que no ano de 1998, devido à luta pela sobrevivência, começam a desenvolver práticas artesanais e de manejo sustentável da argila.

A ideia inicial era representar a história do Cafezal e a importância de conservar a flora e a fauna amazônica, sendo este o marco inicial da construção identitária da comunidade, revelando a organização do grupo no formato de associação de moradores. No **Mapa 1** destacam-se a comunidade Cafezal e o referencial espacial aqui analisado.

---

província do Maranhão e Grão-Pará, no ano de 1727, para restabelecer a divisão do rio “Oiapoque” (definida no Tratado de Utrech). Na missão, o militar traz consigo algumas mudas de café, plantando-as em solos amazônicos, mais precisamente em Belém do Grão-Pará, Capital da Província, posteriormente ao Nordeste do Estado. Contudo, a monocultura não obteve um bom desenvolvimento produtivo; mas esse vem a ser o momento culminante da entrada do Café no Brasil, ainda no século XVIII, pela Amazônia (BRASIL, 2005, p. 8).

**Mapa 1** – Mapa de localização e abairramento do Cafezal, malha urbana e Rios.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

A localização do então Engenho potencializará outras dinâmicas na comunidade que se formou na área. Assim, a pesquisa revela fatos importantes do início da produção artesanal, dos incentivos e contrapartidas financeiras vindos de ações institucionais, da sucessão produtiva desde a extração da matéria prima até os produtos cerâmicos em argila e seu espaço representativo que chega em escala nacional. Fatores esses importantes para a formação histórica da comunidade e do grupo de artesãos, pois, pelo uso da natureza, esses sujeitos passaram a ter representatividade territorial nos meios de cultura, devido à expressividade dos mestres de ofícios e do artesanato com a argila.

Os sujeitos territoriais do Cafezal são oriundos das comunidades ribeirinhas e da migração populacional que espalha o núcleo urbano de Barcarena por meio da Rodovia

Estadual PA-151.<sup>3</sup> O rio e a estrada são os meios de mobilidade local, bem como do escoamento produtivo, onde os moradores de terra firme e de várzea têm suas bases econômicas firmadas na extração do açaí, uma prática costumeira nas regiões de planície amazônica.<sup>4</sup> De acordo com Teixeira (2018) os povos das várzeas amazônica, dependem quase que exclusivamente dos elementos de extração que estão dispostos pela natureza, característica tornada comum depois da influência dos grandes projetos na Região, após a década de 1960.

Várias indagações perfazem este texto, pois se a prática artesanal tem grande relevância para o grupo de artesãos do Cafezal, indaga-se se o equilíbrio ecológico e as memórias construídas desde o século XIX, ainda se mantêm como ideal principal para a existência desses sujeitos? Por meio dessa indagação houve a necessidade de realizar uma pesquisa através do olhar da ecologia política sobre o Cafezal, para poder compreender a complexidade e a racionalidade ambiental das pessoas que constroem a realidade. Se o ideal comunitário principal é manter o saber originário de prática artesã, nossa ideia perpassa por entender como os saberes são repassados para as gerações futuras.

Mediante a essas abordagens, a problemática de pesquisa instiga saber: qual o benefício e o impacto que a prática artesanal tem sobre o meio ambiente e a vida dos moradores do Bairro Cafezal? Surgem outras indagações que subsidiam as ideias na pesquisa, assim temos: **1)** como ocorre a produção do espaço local do “Cafezal” e de sua comunidade? **2)** quais as interferências no meio físico a partir da retirada da argila? e **3)** o trabalho da entidade visa apenas o lucro ou busca desenvolver um caráter representativo cultural local, a fim de perpetuar o saber das práticas artesanais?

---

<sup>3</sup> A “PA-151” chamada de Rodovia Moura Carvalho, é umas das rodovias mais antigas do município, ela interliga o bairro Cafezal com o núcleo urbano da cidade de Barcarena, é também uma das rotas de fluxo e mobilidade rodoviária que liga Barcarena com as demais cidades da região do baixo Tocantins, sobretudo as cidades de Marituba, Ananindeua e Belém.

<sup>4</sup> As primeiras cidades amazônicas, surgiram nas áreas de planície alagada; há muitas cidades dessa Região se instalaram sobre áreas de várzea, ambiente esse acessível na navegabilidade da Região e que compõem o dia a dia da população ribeirinha.

Com a finalidade de responder a essas questões, a pesquisa teve como objetivo geral: entender as formas de produção da identidade local pelo artesanato no Cafezal, por meio da relação socioambiental entre o meio natural e os sujeitos territoriais junto a seus saberes. Complementarmente os objetivos específicos, visam: **1)** desenvolver um inventário histórico do Cafezal antes de se tornar bairro, a fazenda de Café; **2)** avaliar a as características do solo nas áreas de extração da argila, além de expor as técnicas de retirada para diminuir os impactos ao meio físico; e **3)** produzir um diagnóstico das possíveis (re)configurações do local, resultantes da ação do trabalho de conservação da prática e saber originário-tradicional.

A metodologia utilizada no trabalho consiste em pesquisa participante, pois desde o ano de 2018 estamos acompanhando o grupo de artesãos organizados em associação no bairro Cafezal, chamada de Natureza & Arte (*Natur`Art*). Essa entidade desenvolve trabalhos artísticos utilizando materiais agroextrativistas, o que é positivo do ponto de vista ambiental e reconhecido pelos órgãos ambientais e culturais “oficiais”. Nas técnicas de obtenção de dados realizamos registros fotográficos, observação participante e trabalho de campo. Nessa etapa houve a coleta de dados por meio dos relatos e de entrevistas concedidas pela direção da entidade, gravadas por coletor de áudio, e aplicação de questionários. Por fim, realizamos produções cartográficas para identificar as áreas de extração da argila nas subscências dos rios Cafezal e Araquissal.

Dessa maneira, nosso artigo está estruturado em sete itens, que buscam fazer a exposição da constituição histórica e espacial do território do cafezal, com o destaque para as atividades econômicas e as práticas socioespaciais dos moradores da comunidade, e às dimensões culturais que os transformam em artesãos. Segue-se com várias análises dos ambientes, da extração da argila e do grau de impacto de sua retirada no solo. Por vez, o artigo termina apresentando os projetos, as formas de trabalho exercidas na entidade e seus resultados juntamente com o grupo de artesãos e sua construção socioambiental, contribuindo à ideia da Ecologia Política por meio de uma abordagem geográfica.

## 1. A realidade sociogeográfica e histórica do Cafezal: Engenho, Fazenda e uso ambiental

A constituição do Cafezal vem bem antes da chegada das máquinas de mecanização das mineradoras, dos grandes empreendimentos e do crescimento populacional exacerbado na cidade de Barcarena.<sup>5</sup> Inicialmente, por volta da segunda metade do século XIX, o lugar mencionado era apenas uma fazenda, que contribuiu para o “desenvolvimento econômico” tanto da capital Belém como da referida cidade no período de colonização e do império, conforme Guimarães (2016, p. 320). Esse autor revela que um comerciante português, chamado Antônio José Machado, havia comprado grandes lotes de terras em Barcarena, uma fazenda chamada “*Santt`Anna do Cafezal*”, a qual estava geograficamente mais próxima da capital Belém, em relação à boa navegabilidade dos rios, do que à área do centro da cidade de Barcarena.

309

Porém, Antônio José Machado retorna a Portugal e repassa a escritura de posse da fazenda para sua filha, Maria Jacinta Machado, e a seu genro, Fortunato Alves de Souza. Posteriormente, na administração do Senhor Fortunato de Souza, a Fazenda Cafezal alavancou a produção de café, de cana-de-açúcar e de cachaça, além da monocultura de cacau, a qual era abundante em toda a fazenda até o leito do rio Cafezal.<sup>6</sup> Isso necessitava de uma infraestrutura essencial para seus senhores e para o trabalho que era desenvolvido no local, assim, os detalhes arquitetônicos e infraestruturais do engenho, bem como o trabalho e a vivência são descritos por Guimarães (2016):

---

<sup>5</sup> População absoluta do município de Barcarena conforme os dados do IBGE:

População Estimada no ano de 2021: 129.333 pessoas

População no Censo do ano de 2010: 99.859 pessoas

População no Censo do ano de 1991: 45.946 pessoas

População no Censo do ano de 1980: 20.015 pessoas

<sup>6</sup> O rio Cafezal separa a comunidade de terra firme da ribeirinha, além de dar acesso a diversos rios que são importantes para a movimentação pendular da população ribeirinha; os populares locais mais antigos no bairro descrevem o rio como principal rota de comercialização, em relação ao porto do centro de Barcarena, de Caravela, gastavam cerca de três horas da capital Belém. Já adentrando o rio Cafezal, o tempo de chegada era reduzido, resultante disto, o porto da Fazenda de Cafezal virou um grande ponto de fluxo da produção, e isso também conta principalmente com o comércio escravista do período, no qual eram comercializados negros e índios.



Casa de vivenda, oratório com imagens, engenho de ferro movido a vapor, alambique, caldeiras e turbinas, canoas, vasilhames, matérias existentes para conserto do estabelecimento, utensílios de lavoura e fabrico de açúcar e aguardente. [...] A fazenda possuía 22 cabeças de gado vacum; 35 lanígeros, 44 cabras e 48 escravos que foram avaliados no ano de 1863 no valor de 33 contos de réis (GUIMARÃES, 2016, p. 322).

A estrutura descrita acima é deixada pelo Sr. Fortunato Alves, ao retornar junto com sua família para Portugal nos inícios de 1900, como fez seu sogro. Com o abandono do engenho, segundo os relatos dos moradores mais antigos, os trabalhadores que ali permaneceram começaram a conviver em comunidade no Casarão e a ocupar os terrenos componentes da fazenda. Assim, iniciou-se o processo de ocupação comum da área, porém a apropriação do espaço foi de forma desacelerada, onde os próprios grupos familiares e seus descendentes começaram a praticar a agricultura familiar e a criação de animais.

De acordo com a população local,<sup>7</sup> dos anos de 1910 a 1950, a chegada de pessoas era escassa, justamente pelo fato do espaço da fazenda ser uma área de ocupação única onde as pessoas que ali viviam não vendiam quaisquer lotes de terra para pessoas desconhecidas que não tivessem vinculação familiar com os já residentes no Cafezal, o que se propagava mais era a formação de novas famílias oriundas daquelas que já viviam ali, assim, aos poucos a ocupação foi crescendo gradativamente. Somente por volta do ano de 1960 é que a ocupação aumentou devido à influência das comunidades ribeirinhas e do centro da cidade de Barcarena, pessoas que moravam às margens dos igarapés, rios e na floresta, optaram pelo Cafezal no intuito de estarem próximos de seu local de origem, mas também de usufruir das condicionantes estruturais da cidade.

---

<sup>7</sup> Em novembro de 2018 realizamos um trabalho de campo observatório no Cafezal, onde foram ouvidos os moradores mais antigos da comunidade, foram seis pessoas convidadas, sendo todos idosos, de 70 a 101 anos de idade. Cada sujeito trouxe suas histórias de vida, descreveu sua casa, além de dizer que a única residência bem estruturada era o antigo casarão, o restante das casas fora do terreno do engenho, eram todas casas de pau a pique, taipa (uma técnica construtiva das comunidades ribeirinhas e rurais, que consiste no entrelaçamento de bambus na vertical, fixadas no solo, e na horizontal, amarradas por cipós, originando uma grade perfurada que é preenchida com barro, transforma-se nas paredes das casas). Por fim, muitos dos moradores trabalhavam com plantios de hortaliças e verduras e se locomoviam do Cafezal para Belém, para comercialização desses cultivos.

Um dos moradores mais antigos da comunidade, o Mestre-Artesão Francisco de Oliveira Cardoso (78 anos),<sup>8</sup> relatou que no ano de 1978, mudou-se com sua família (esposa e filho), saindo de uma comunidade da ilha Trambioca.<sup>9</sup> O Mestre-artesão detalhou como era o casarão e a área de produtividade, afirmando que a estrutura estava deteriorada pelo intemperismo natural, o assoreamento dos rios e a ação da vegetação que tomou conta da área devido ao abandono. O casarão tinha muitos quartos, e o principal, aquele que o Sr. Francisco havia habitado, foi cedido para o imperador Dom Pedro II dormir, quando sua visita à província do Grão-Pará após a revolução da Cabanagem.

Nas palavras do entrevistado, pode-se observar que:

Cheguei aqui tinha poucas famílias: família da vizinha Maria ali, ela já tem uns 83 anos, a família da Dona Isaura, do Seu Chico Careca, o seu Coló, todos esses pessoais aí, já são bem antigo aqui, e eles viram como era o Casarão. Plantamos muita verdura nessa época e vendia tudo pra Belém quando não dava pra vender aqui. Tudo isso e ainda morei no quarto onde Dom Pedro II dormiu, ele e em outra situação, o governador Magalhães Barata quando veio aqui na época da cabanagem ainda (Francisco Cardoso, 78 anos, 11/09/2018).

311

Outra entrevistada, a Senhora Sônia Cardoso, afirma, juntamente com seu esposo, que ambos chegaram a trabalhar com quatro pessoas, as quais eram as únicas a habitar o antigo engenho também. Na década de 1980, a família Cardoso conseguiu comprar o terreno, além da propriedade, que já estava com condições precárias para o uso. Dona Sônia, menciona a impossibilidade do casal de desenvolver a reforma local, já que o prédio era grande e os gastos eram exacerbados, fugindo da real situação financeira da família.

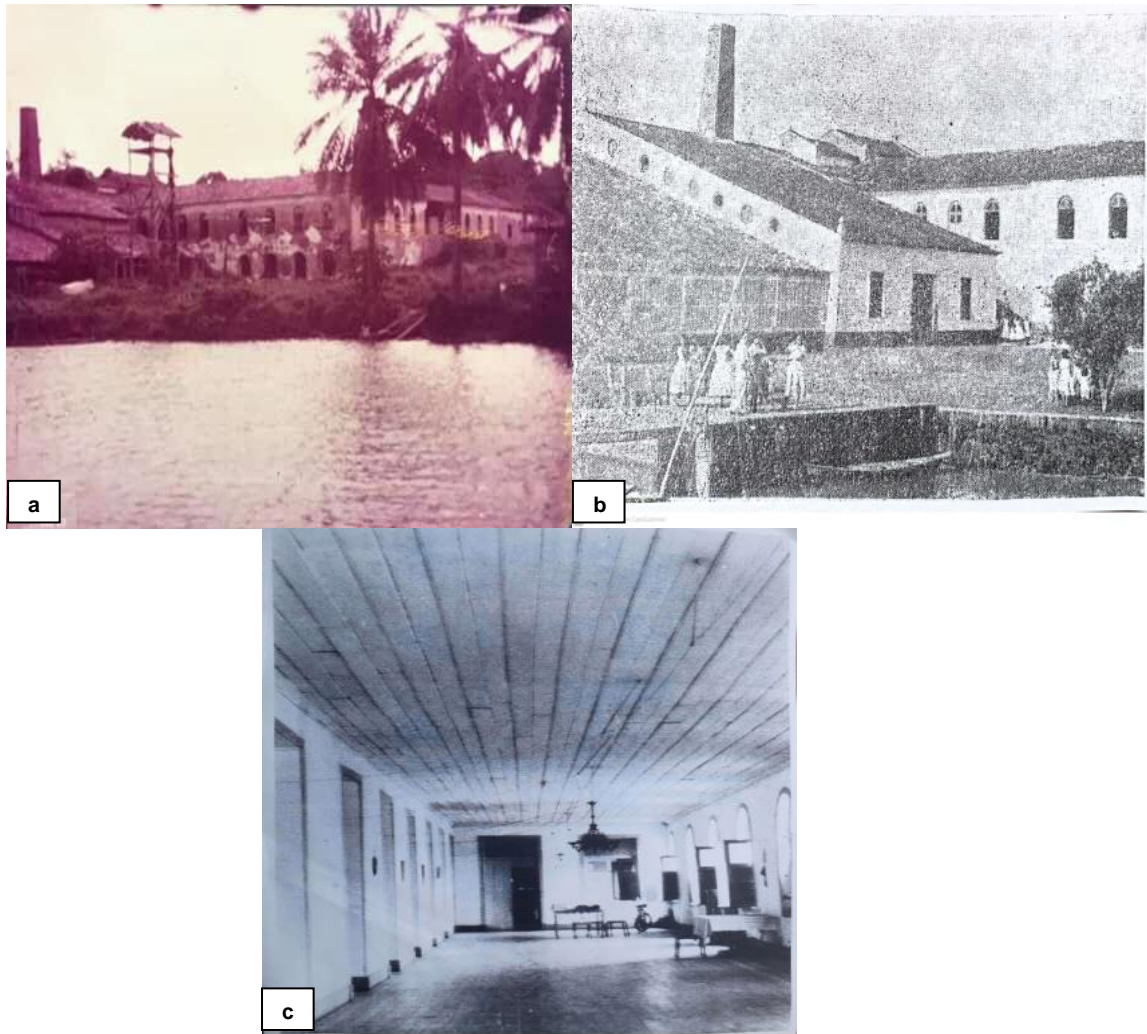
---

<sup>8</sup> Francisco Cardoso é um dos moradores mais antigos do Cafezal, sua contribuição para este trabalho é crucial, pois ele é um dos únicos que chegou a morar no Casarão ainda erguido, além de ser o único que permaneceu no engenho até a destruição. Ainda contribuiu com o histórico, o senhor é líder artesanal no bairro; sua influência no artesanato local foram pontos decisivos para a formação artesã da comunidade. Sua forte representatividade como artesão e sujeito territorial, rendeu-lhe a titulação de Mestre-artesão.

<sup>9</sup> Ilha Componente do município de Barcarena; Coordenadas Geográficas: LAT: 1°25'60``S, LONG: -48.39°0``O.

No **Mosaico de Fotos 1** é possível visualizar algumas estruturas do Casarão que fazia parte do conjunto arquitetônico do Engenho do Cafezal:

**Mosaico de Fotos 1 (a, b, c) – Casarão do Antigo Engenho de Café, ano de 1983.**



Fonte: Acervo fotográfico pessoal do Sr. Francisco Cardoso e Sra. Sônia Cardoso.

As imagens revelam a grandeza da arquitetura do engenho do Cafezal. Na pesquisa de campo se observou que só as estruturas da fundação do antigo Casarão e da parte de produção do engenho restavam, por conta da deterioração do tempo e falta de preservação. O atual morador descreveu que a destruição teve como principal causa os

interesses de um empreendedor chamado Douglas Koên juntamente com a Prefeitura Municipal de Barcarena.<sup>10</sup>

Com o passar dos anos e com a intensificação do uso do solo com o trabalho de uma serraria, boa parte da mata ciliar ficou comprometida devido ao uso da madeira nas serrarias, ocasionando o avanço do assoreamento às margens do rio Cafezal. O dono das serrarias observou que boa parte da sua estrutura arquitetural estava comprometida por conta da desagregação física da margem do rio e, para não ter maiores prejuízos, o Sr. Douglas usando essa desculpa, solicitou juntamente à Prefeitura, a derrubada do prédio, como afirma o Sr. Francisco:

O Doutor Douglas Koên tinha um funcionário que tinha 17 anos no governo do Laurival Cunha, o funcionário disse pro doutor Douglas que tinha uma serraria e que trabalhava com madeira... Ele falou que o casarão ia cair e que precisava demolir, e que se isso acontecesse, o dono da serraria queria ser indenizado e, entre um acordo dos dois (Sr. Douglas e a prefeitura), as madeiras, telhas e o que tivesse de ser reaproveitado deveriam ser dados ao doutor Douglas como indenização de 17 anos. (Fala do entrevistado Francisco Cardoso, 78 anos, 11/09/2018).

313

Inevitavelmente o casarão foi destruído juntamente com toda a infraestrutura do engenho, ocasionando a prisão por três dias do atual morador, que relata a não aceitação da destruição do patrimônio e enfrentamento das ações do governo municipal – essa decisão gerou a destruição do prédio como é visto no **Mosaico de Fotos 2:**

---

<sup>10</sup> O Mestre Cardoso não sabe ao certo sobre as origens de Douglas, só se sabe, então, do trabalho que desenvolveu no Cafezal, no qual o empreendedor construiu às margens da comunidade uma Serraria e um Estaleiro. Acerca desse trabalho, iniciou-se um empreendimento local, o qual era nomeado de espigão III, nas extremidades da “Barcarena Velha”. Tal projeto era pensado em dinamizar a indústria de pequeno Porte nas áreas ruralizadas; logo, pode ser concluído que o Sr. Douglas Koên é um dos articuladores desse projeto (RIO DOCE ENGENHARIA E PLANEJAMENTO S.A, 1977, p. 31 *apud* MAIA 2017, p. 126).



**Mosaico de Fotos 2 (a, b, c, d) – Ruínas da infraestrutura do Engenho e Casarão no Cafezal, Barcarena.**

Fonte: Trabalho de campo em: 11/09/2018.

Dessa maneira, o entrevistado relata as dificuldades de zelar pelo que restou do prédio, pois a área das ruínas é grande e demanda força, tempo, mão-de-obra e recursos, os quais a Prefeitura Municipal não subsidia nenhum dos gastos, pois a área é de domínio particular. Porém, o Sr. Cardoso, constantemente cede o espaço para aulas práticas sobre educação patrimonial e ambiental de escolas públicas municipais e estaduais, com aporte e gastos de manutenção feitos por ele mesmo.

Portanto, observa-se a importância do registro histórico, o que mostra necessidade de retomar os aspectos históricos de um engenho de importância cultural e de memória. Dimensão que se coloca como uma espécie de patrimônio material da população que o usa, o que serve para entendimento da importância das construções históricas e naturais à sobrevivência das populações originárias e territoriais. Aspectos que serão mostrados com mais afinco no tópico a seguir.

## 2. A realidade socioespacial e ambiental do Bairro do Cafezal: Características da população e do ambiente

Há uma dinâmica social e espacial maior do que o projetado pelos dados da amostragem populacional da Secretaria de Desenvolvimento Urbano de Barcarena (SEMDUR, 2019), que estima que há cerca de 1.500 pessoas residindo atualmente no bairro e na área ribeirinha do rio Cafezal. Destaca-se essa dinamização social e seu cotidiano no bairro além de constatar que tais números aumentam, motivados pelas diversas pessoas das ilhas “São Mateus”, “Piramanha” e das “Onças”, que passam boa parte do seu cotidiano trabalhando e vivendo entre esses espaços, sobretudo realizando a “migração pendular” entre as ilhas e o Bairro do Cafezal. Uma dinamização compressível conforme a reflexão de Bicudo *et al.* (2010), pois afirma que a economia e o mercado de trabalho no interior Amazônico estão associados ao forte deslocamento populacional entre as diversas ilhas e os núcleos urbanos.

315

Esse fluxo de pessoas provoca uma grande interatividade no comércio informal do bairro Cafezal, além de interligar as cadeias produtivas, nas quais foi evidenciada primeiramente a potencialidade da agricultura familiar, que de acordo com Schimith *et al.* (2018) podem ser identificadas no Cafezal cerca de 70 famílias trabalhando ativamente como produtoras rurais, além de obterem incentivos à produtividade pela política municipal de apoio à agricultura familiar, às cooperativas e aos projetos de crédito rural, segundo a associações de agricultores familiares do Estado do Pará (BRASIL, 2005).

Os trabalhadores ligados ao extrativismo vegetal no Cafezal têm participação considerável na economia local, sobretudo para os sujeitos da comunidade estudada, que podem ser identificados como: atravessadores e marreteiros,<sup>11</sup> sujeitos locais que estão diariamente promovendo a funcionalidade comercial local, independente do horário, ou

---

<sup>11</sup> FONTES *et al.* (2012) descrevem os atravessadores como trabalhadores que transportam o açaí; e os marreteiros, como trabalhadores que desenvolvem a comercialização do fruto nas feiras do Açaí, além de efetuar a venda do mesmo para os pontos de venda do açaí, para exportação e empresas.

estão retirando o fruto do açaí, escoando a produção ou movimentando o comércio na localidade com outras atividades rentáveis. Em entrevista com cerca de seis trabalhadores selecionados no local, esses descrevem como é a cadeia produtiva e quais as funções específicas, que estão repartidas entre: atravessador, marreteiro, peconheiro<sup>12</sup> e o dono do terreno onde as palmeiras de açaí estão plantadas.

Sobre o questionamento de ganho e lucro da comercialização do açaí, os extrativistas informam uma variabilidade lucrativa, o preço é definido em decorrência da retirada, do transporte e o destino final, que provocam reajustes semanais ou mensais devido ao tempo de maturação do fruto. Estima-se que em períodos de safra o fruto é mais barato e tem redução no custo da venda, podendo estar em média de R\$ 50,00 a R\$ 60,00 (de cinquenta a sessenta reais), enquanto na entressafra, quando da maturação do fruto a qualidade do mesmo diminui, o preço aumenta, podendo variar de R\$ 100,00 a R\$ 290,00 (de cem a duzentos e noventa reais) o cesto do açaí.

Esses preços são variáveis, visto que o lucro é dividido pelo Dono do terreno que reparte a renda final, ao efetuar um pagamento de 20% ao peconheiro, perante o valor pago no mercado. Já os valores pagos aos atravessadores são ajustáveis diretamente com esse “dono da produção”. Já para o marreteiro restaria outra opção de venda e compra do açaí. Esses contrastes são evidentes no Cafezal, e nota-se quem são os sujeitos e os produtores que articulam a destinação ao produto do açaí, um trabalho de extração vegetal.

Para além de classificar como uma atividade agrícola, queremos destacar o uso da natureza para entender a existência da comunidade, as pessoas e do Bairro do Cafezal, colocando tais ações como condição de entendimento para a relação simbiótica da natureza com a vida humana das sociedades amazônicas, mesmo em espaços juridicamente urbanos. Criando, assim, lastro para entender e para pensar em uma

---

<sup>12</sup> Trabalhador responsável pela extração do açaí, o nome advém da ferramenta de sacola plástica, na qual é utilizada entre nos pés do trabalhador e a firmiação na palmeira para subir até o fruto, de acordo com os entrevistados.

espécie de Ecologia Política urbana e agrária como dimensão social da conservação dos ambientes e dos territórios.

Esse aspecto nos faz pensar na ideia de direito ao planeta de Souza (2019, p. 80), visto que “[...] a interpretação de ambientes e territórios emergem em torno da permanência de modos de vida, sentimentos de lugar e estratégias de sobrevivência” das populações territoriais, com saberes e da luta pela terra. Para entender mais um pouco dessas afirmações, aprofundaremos, na seção a seguir, a análise dos aspectos de usos na natureza como saber popular e ambiental na comunidade do Cafezal.

### **3. O Cafezal em ação e movimento: As necessidades de conservar a história local e o saber ambiental**

A historicidade do Cafezal é uma das principais motivações que levaram ao desenvolvimento de outras funcionalidades de trabalho no bairro, e essa prática está fundamentada no artesanato com a argila e com sementes nativas da floresta amazônica. Essa atividade é iniciada no ano de 1998, por um grupo de pessoas, sob a liderança e organização artesanal do Sr. Francisco Cardoso, sujeito político e histórico na comunidade, que nos revelou os motivos que levaram a produção de artesanato no lugar:

Primeiro, a gente fez uma reunião com o pessoal da comunidade que manifestaram interesse pra participar, na mesma reunião foi debatido por todos os tipos de atividades fora a agricultura, pesca, tirada do açáí, e as outras que são feitas por aqui... “Qual era a outra que nós poderíamos fazer pra gerar renda e criar a identidade do bairro?”. Colocamos e foi votado no artesanato com argilas e sementes nativas amazônicas (Francisco Cardoso, 78 anos, 11/09/2018).

A motivação estava pautada em gerar valores e formas de crescimento econômico para os moradores que trabalhassem com o extrativismo nas proximidades. As palavras



do entrevistado mostram que a formação foi direcionada às pessoas residentes do lugar, desde agricultores até os ribeirinhos, bem como aos originários locais. Essa iniciativa ocorreu no fim do ano 1998, sendo mais valorizada com o oferecimento de uma capacitação pelo governo estadual, por meio da Secretaria de Estado de Assistência Social, Trabalho, Renda e Emprego (SEASTER) em parceria com o Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), que oferecia um projeto de fortalecimento à produção de artesanato das cidades da mesorregião do Nordeste Paraense, onde Barcarena estava inserida.

A comunidade do bairro do Cafezal foi contemplada com esta ação estratégica e empreendedora, dos referidos órgãos que objetivava a capacitação em produção artesanal de 25 pessoas, em uma turma do curso de “formação de artesanato regional”. Para Reis (2016, p. 98) essa formação em comunidades, como a Vila do Cafezal, busca incentivar o consumo do artesanato Paraense e o auxílio para a “condução de novos espaços de significação do uso consciente da natureza pelos sujeitos territoriais amazônicos”.

O pensamento pode ser ligado às dimensões de Souza (2019, p. 81) quando afirma que “[...] as relações sociais podem ser heterônomas ou autônomas, os modos de produção também diferem entre si no que tange às relações metabólicas entre sociedade e natureza”. Na pesquisa buscamos mostrar a valorização de uma produção que tem como base a natureza e a sua conservação a partir das práticas dos artesãos, que é uma luta da ecologia, onde os territórios e as territorialidades são expressos pela diferença com que o saber popular se relaciona com a natureza e assim com a sociedade.

Com o início do curso de práticas artesanais, o grupo de cursistas procurou desenvolver e potencializar a produção artesanal de sementes nativas, catalogando as principais sementes e folhas da flora regional que estão sob ameaça de extinção devido à prática predatória da extração vegetal. As sementes mais utilizadas são as do fruto do Pequiá, do Murumuru, do Uxi, da Castanha-do-Pará e do Jupati. Essa variabilidade florística amazônica é bastante rica e abundante no território do município de Barcarena,

por isso os artesãos buscaram a valorização das mesmas trabalhadas no artesanato em argila (ALMEIDA et al., 2004). Na **Foto 1** pode-se observar os primeiros artesãos e suas obras na comunidade territorial do Cafezal:

**Foto 1** – Primeiros Artesãos do Cafezal, formados pela Associação Natureza e Arte em 1998.



Fonte: Arquivo pessoal do Mestre-artesão Cardoso.

O curso de formação artesã teve duração de um ano, sob o acompanhamento do SEBRAE, que após sua finalização, dos 25 alunos que haviam ingressado, apenas 10 concluíram. Junto a esse grupo o SEBRAE desenvolveu diversas palestras de incentivo ao empreendedorismo artesanal local, a fim de dar entendimento aos moradores e artesãos de organização cooperativista para incentivar a confecção e a comercialização das produções artesanais.

Posteriormente, definiu-se como um processo de ensino e aprendizagem junto aos moradores, efetivando a solidariedade pessoal à organização e formação da entidade artesã no ano de 2002, de acordo com a Secretária de Estado de turismo (2011). A entidade *Natur'Art* não se conforma apenas como uma organização dos artesãos, para desenvolvimento dos trabalhos de produção artesanal com sementes nativas da região e com argila. No ano de 2005 o grupo se constituiu como entidade local, criando seu CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica), além de ter mantido os primeiros artesãos no

trabalho artesanal e ser formador para os novos componentes, viabilizou a possibilidade de renda diante das condições socioambientais a que estavam relegados.

Atualmente, a associação agroextrativista é composta por 461 associados, que atuam nos projetos em artesanato e nos de manejo agroflorestal, porém o número de pessoas com renda fixa mediante a prática artesã varia de 40 a 50 pessoas, dentre elas 5 mestres e quatro instrutores. Assim, o trabalho passou a ser parte da renda complementar de muitas famílias residentes no Cafezal e em áreas rurais, mas não permanente.

Apresentadas as experiências e incentivos de órgãos gestores, pode-se notar que os sujeitos territoriais e o seu trabalho podem ser explicados e entendidos pelo conceito de “capital cultural” de Bourdieu (1995), por colocar-se como uma concepção multidimensional de classe social, que apresenta todas as maneiras que a cultura intrínseca ao local influencia ou reflete na vida da sociedade que ali reside. Esse capital remete à agregação do valor monetizado da prática cultural exercida, como é o caso dos artesãos do Cafezal e da organização da entidade, para além do retorno econômico, mas da representatividade territorial.

O Cafezal não difere de outras comunidades e bairros do interior de pequenas e médias cidades amazônicas. Constitui-se como território de ação, sendo usado e transformado a partir dos elementos dispostos pela natureza, e isso faz com que observemos esse território, pelas relações com que os seres humanos subsidiam seu “progresso” econômico e cultural, fazendo uso consciente dos elementos naturais. Fato que nos remete a visão de Leff (2013, p. 14) ao afirmar que “[...] o estudo da Ecologia Política potencializa respostas mediante o esquecimento da natureza pela Economia Política [...]”, além de propor um vislumbre sobre os processos emancipatórios que a sociedade vive juntamente com a possibilidade de sustentabilidade, tendo como base as potencialidades naturais.

Sendo assim, adiante iremos mensurar o alcance de extração da matéria-prima para o artesanato, além de compreender as formas de trabalho artesanal, sobretudo das

etapas e ciclos produtivos criada pela associação, até os resultados finais com os ganhos dos artesãos.

#### **4. Diagnóstico das áreas de extração da argila, das sementes e das práticas artesanais**

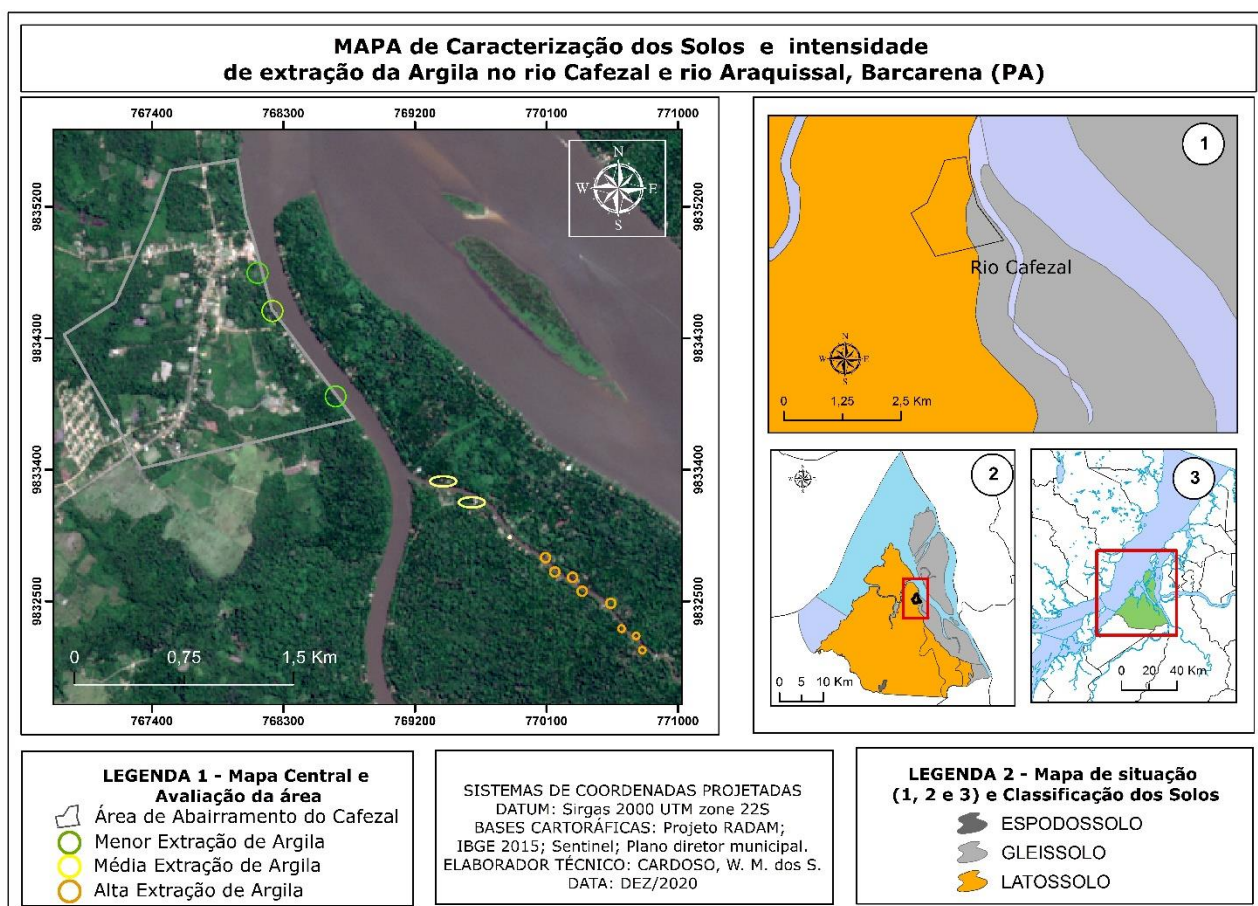
Ao se tratar de sustentabilidade a partir do uso dos elementos dispostos no/pelo meio natural, questionamentos são levantados, assim como pautas por diversos núcleos de referência dos estudos sobre os ambientes amazônicos. Para isto, é importante delimitarmos esclarecimentos técnicos sobre o uso dos elementos naturais no Cafezal, dentre os quais destacam-se a argila e as sementes de plantas de origem da várzea. As áreas de várzea no município de Barcarena são dominadas pelo relevo plano, de altitude baixa partindo da margem dos rios. No caso do Cafezal, essas características morfológicas são apresentadas pelo estudo da Embrapa (2003), afirmando que:

Nas áreas de várzea, domina o relevo plano, com pequeno declive partindo das margens dos rios - várzea alta - passando pela várzea baixa, até alcançar o igapó, permanentemente alagado. O município é banhado pelas baías do Marajó e do Guajará e cortado pelos principais rios: Carnapijó, Barcarena e Itaporanga, além de outros de menor porte (EMBRAPA, 2003, p. 12).

O Cafezal está sob essa nomenclatura técnica, além de sofrer as influências de inundação pelo fluxo da maré, logo, qualquer ação antrópica desenvolvida, mesmo que seja planejada, acarretará em impactos no equilíbrio ecológico natural. Todas as formas de exploração e uso da terra na região devem ser regidas sobre um planejamento que assegure ao longo do tempo a manutenção do seu processamento existencial, prospecções positivas para as gerações futuras que são residentes desses espaços e o uso sustentável do solo, para o equilíbrio da fauna e da flora (EMBRAPA, 2003).

Questionamentos surgem quanto ao uso do solo como matéria-prima do artesanato no território do Cafezal, desde a extração até o preparo do produto final, pois se tratam de áreas de várzea e a retirada de seu solo pode ocasionar desequilíbrio do ecossistema da área de estudo. No **Mapa 2** identifica-se e caracterizam-se os solos da área de estudo, tal como as áreas de extração da argila.

**Mapa 2** – Classificação dos solos na área de estudo e principais pontos de extração da argila.



Fonte: Elaboração própria, 2020.

No Mapa 2, destacamos duas noções básicas para entender a configuração de extração da argila nas intermediações do bairro Cafezal. A primeira é uma amostragem sobre o rio Cafezal e o Igarapé Araquissal,<sup>13</sup> onde o solo pode ser classificado como

<sup>13</sup> O Igarapé Araquissal fica de 15 a 20 minutos de barco para o porto do bairro Cafezal; suas coordenadas UTM do ponto de entrada são: -1.506419, -48.580792, até o final do igarapé -1.518654, -48.564196.

gleissolo, que de acordo com o manual técnico pedológico do IBGE (2007, p. 232) gleissolo são “solos hidromórficos, contendo elevada quantidade de matéria orgânica de difícil drenagem, devido aos fatores pluviométricos intensos nessas áreas, a forte condicionante das marés”. E esse solo é comum nas áreas de várzea e costeiras do nordeste amazônico.

Na amostragem do Mapa 2, à direita, foram extraídas as coordenadas UTM de extração da argila e posteriormente vetorizadas. As circunferências destacadas no mapa compõem cores diferenciadas, cores estas que distinguem as áreas onde a extração de argila é mais frequente (representada pela cor laranja); das áreas de extração medianas (pelas cores amarelas) até as de menor extração, (representadas pela cor verde). De acordo com os artesãos do Cafezal, há técnicas para a busca da matéria-prima dos vasos, e se busca um solo acinzentado.<sup>14</sup>

Para a artesã-mestra Esmeralda Baia Cardoso, a retirada não é forçosa, mas buscam fazê-las nas áreas que já se encontram em deterioração natural, além de selecionar o tipo de argila “buscada”, pois em meio aos solos existem diversas texturas. Nas palavras da entrevistada:

[...] há toda uma técnica para a retirada da argila, aqui na associação temos extrativistas que desenvolvem este trabalho e toda equipe recebeu treinamentos para a retirada sem a agressão ao meio ambiente... a argila geralmente é retirada de uma área onde o barranco argiloso já tenha sido derrubado naturalmente; nós selecionamos o tipo, a tabatinga que é a primeira camada já é amarelada, nós escolhemos a argila acinzentada, fazemos uma espécie de cobra com a mesma, e depois de várias vezes passada na mão, se não sujar, essa sim é a argila ideal. Além disso, o tempo de retirada da argila do meio natural não é constante, quando retiramos uma vez, demora meses para retirarmos novamente. (Entrevista com Esmeralda Cardoso, 42 anos, 18/01/2020).

---

<sup>14</sup> Para o parecer técnico, a nomenclatura do “solo cinza” é destacada como “Argissolo” – para o manual técnico de pedologia do IBGE (2007, p. 117-118) o argissolo é composto pela textura média ou argilosa; também chamado de “fragipã”, é comum em áreas costeiras e de várzea, podendo ser encontrado de 10 cm a 20 cm da superfície para baixo.

A artesã completa, afirmando que o período de extração da argila sofre variações, pois é extraída geralmente nas estações não-chuvosas para não ocorrer o intemperismo físico pelas precipitações frequentes sobre os solos. Essa retirada é realizada em sacos de 30 quilos, onde geralmente são levados de 5 a 7 sacos. Essas ações ocorrem em períodos próximos da realização de confecções devido às demandas das feiras de exposições culturais, em que a entidade é convocada a participar e expor seus produtos. Situa-se que as feiras frequentadas são a nível Estadual e Nacional, ocorrendo somente três vezes no ano

A partir da retirada da argila e do seu manejo, identificamos o processo de produção das peças de artesanato, o que descrevemos como uma cadeia produtiva, e dedicamos um tópico inteiro para mostrar os detalhes da produção, a seguir.

## 5. Cadeia produtiva das peças em argila como representatividade regional e territorial

Após a extração, a argila segue para o ateliê dos artesãos, que fica nas intermediações da associação e, nesse local, são realizadas as fases precedentes da criação das peças artesanais oriundas da argila.

Mas há um processo, a mais dessa construção, que é caracterizado pelos agentes e por suas técnicas para o desenvolvimento da atividade, pois o planejamento artesanal é de extrema importância para idealização do trabalho. Por isso, divide-se em três fases a cadeia produtiva das peças: a primeira fase é chamada de tratamento da argila primária, na qual, após sua extração do âmbito natural, é realizado um importante tratamento na argila, a fim de promover a qualidade argilosa, de consistência e de coesão do produto, esse cuidado pode ser visto no **Mosaico de Fotos 3** “a” e “b”:



**Mosaico de Fotos 3 (a, b) – Tratamento da argila – fase primária.**

Fonte: Acervo fotográfico concedido pela associação Natureza & Arte, (18/01/2020).

As fotografias mostram a argila disposta para o tratamento. Os artesãos retiram-na do saco plástico sobrepondo-o em uma mesa, onde de forma manual retiram as impurezas como pedaços de madeira (talas), fragmentos rochosos, cacos de telhas e vidros, galhos de árvores, raízes etc. Feito isso, a argila ainda crua é cortada em pequenos gomos redondos de 10 centímetros de diâmetro e colocados sobre o sol para secar e deixá-los coesos. O artesão-mestre Francisco Cardoso afirma que o tempo de maturação da argila é de 2 a 3 dias exposto ao sol.

Após o período de maturação da argila fragmentada, o material coeso vai diretamente para o pilão<sup>15</sup>. Na fotografia “b” podemos visualizar a prática e o manuseio da artesã moendo a argila, para após os detritos moídos serem jogados em uma peneira, onde é coada dentro de uma bacia até chegar à argila-chamóti<sup>16</sup>. Consequentemente, os

<sup>15</sup> Para os artesãos: Francisco Cardoso, Sônia Cardoso e Esmeralda Cardoso, o pilão é uma ferramenta de trabalho desde o período colonial, onde os grãos de café eram moídos no intuito de transformá-los em pó; o instrumento era bastante costumeiro no Cafezal quando a família chegou por volta da década de 1950. Esse instrumento é bastante comum no ateliê dos artesãos, eles utilizam para moer o barro coeso.

<sup>16</sup> A argila-chamóti é o estágio em pó da argila, essa técnica é utilizada para a retirada do restante das impurezas da argila que não foram retiradas após a primeira fase da limpeza; por estar bem moída a argila-chamóti adere uma coloração avermelhada.



artesãos untam toda argila em pó e transformam em pasta novamente com água limpa, o material é rebatido várias vezes até voltar à “forma primária”, contudo, a partir do novo tratamento, quase não se tem detritos indesejáveis na massa.

A segunda fase do desenvolvimento artesanal é a criação das peças através de moldes-gesso, que são feitos manualmente pelos artesãos, que descrevem esse molde como a base à produção das peças de cerâmica em argila. Cada detalhe deve ser minuciosamente trabalhado de acordo com aquilo que se deseja representar, a materialização da folhagem e de sementes é fidedignamente igual sobre os moldes-gesso como é mostrado no **Mosaico de Fotos 4**, a seguir:

**Mosaico de Fotos 4 (a, b, c, d)** – Molde-gesso para o fabrico cerâmico em argila desenvolvido pelos Artesãos da Natureza & Arte, Cafezal.



Fonte: Trabalho de Campo (18/01/2020).

O responsável pela construção das formas de gesso é sempre o artesão-mestre. Na pesquisa de campo observamos que os mestres dominam de forma completa e com familiaridade a técnica em gesso. Sendo possível compreender o passo-a-passo que ocorre em dois momentos, conforme mostramos nas fotos “a” e “b”: 1) as formas de bandejas decorativas e 2) as sementes que podem ser usadas como luminárias de jardins, mostradas nas fotografias “c” e “d”: as em formato de folhas nativas, são construídas com uma folha natural de 85 por 47 centímetros, chegando a pesar até 10 quilos. Porém essas formas de gesso são para fazer peças de mesa e representam as folhagens nativas de mata ciliar de vegetações ombrófilas densas.

A fotos “c” e “d” representam a semente do Jupati (*Raphia taedigera* Mart.), e consistem em peças construídas a partir desses moldes, que servirão de enfeites para jardins, salas de estar, etc. Cada molde tem um comprimento elevado comparado às bandejas. Para criar uma peça de argila decorativa, o método difere das que são feitas nas bandejas: as decorativas devem ser duas peças de argila, ou seja, serão construídos dois lados iguais sobre as formas de gesso do modelo a se utilizar das fotos “c” ou “d”, basta apenas unificar dois lados iguais e esperar que haja coesão entre elas.

Com a segunda fase concluída, inicia-se a fase de “construção” das peças mediante a técnica de acabamento, onde mais uma vez necessita-se do trabalho coletivo para a produção, como está explícito no **Mosaico de Fotos 5**, a seguir.

**Mosaico de Fotos 5 (a, b, c, d, e) – Procedimento das técnicas manuais de criação das cerâmicas em argila.**



Fonte: Trabalho de Campo (07/02/2020).

Dependendo da demanda, o trabalho em conjunto pode ser desenvolvido normalmente por até quatro artesãos. A foto “a” mostra a utilidade do molde em gesso e da argila-*chamóti*, o mestre que desempenhava essa função no dia de nossa pesquisa *in loco* mostrou a aplicação da argila purificada dos rejeitos sobre a forma, seus instrumentos, assim como a água para umedecer a argila, fio de cobre<sup>17</sup> e uma ducha de

<sup>17</sup> O fio de cobre era utilizado para retirar as camadas da argila que ficaram fora da borda da forma de gesso, pois a argila que iria servir era apenas a que estivesse da borda para dentro. Um ponto relevante que este trabalho traz é

esponja<sup>18</sup> e, após o processo de transformação da argila em bandeja, passar três dias ainda na forma, onde posteriormente ela segue para a limpeza e polimento. Por fim, essa técnica é empregada pela Mestra, na foto “b” é utilizada uma saca plástica ou pano, de onde é retirado um pedaço de argila, polido até apresentar brilho, para isso a peça precisa estar coesa.

O passo seguinte exposto na foto “c” mostra o resultado do trabalho já descrito de secagem e polimento da peça, estando prontas para serem queimadas, o método de queima é mostrado na foto “d”. São diversas peças de argila ainda cruas, prontas para o cozimento por um tempo de 24 horas. Após isso, elas alcançam a consistência de louça, contudo é necessário manter o cuidado em grandes quantidades e peso, pois podem quebrar na queima. Etapa essa necessária, pois por meio dela é que a peça de argila ganha a consistência para suportar água, comida e o intemperismo. A foto “e” é o resultado final da cerâmica, quando é utilizado apenas um produto de clareamento e cheiro, para deixá-la mais agradável de tocar e sentir o seu “aroma”.

Essas técnicas de produção e fabricação de cerâmica sobre a argila são criações de meios e métodos dos artesãos para mostrar a representatividade territorial. Utilizam de suas criatividade e se inspiram no território comum e na floresta para mostrar tais inspirações na argila, na sua purificação e queima. Esse processo é destacado nas pesquisas de Carnelos (2019), Oliveira *et al.* (2018) e Candia (2011). As maneiras iguais de lidar com o artesanato pela argila, sem descartar nenhum processo ou ordem, mostram os usos da natureza pelas comunidades amazônicas e, assim, a necessidade de conservação e de manter seu equilíbrio.

A importância do equilíbrio dos ecossistemas é o principal meio a ser observado para compreender até onde a extração de argila é realizada de forma consciente e menos

---

no rendimento de matéria-prima decorrente da retirada da pequena borda que não teria utilidade para aquela bandeja, o artesão passava o fio cuidadosamente para não comprometer a peça e utilizava os restos para preenchimento manual sobre a bandeja de argila, já que havia algumas partes que precisavam de preenchimento devido à espessura.

<sup>18</sup> A ducha de esponja é a tradicional, de uso doméstico – a mesma era encharcada com a água e passada na superfície da argila sobre a forma. A esponja era reutilizada diversas vezes, o que mostra que este instrumento não era prejudicial na hora de descarte pelo seu acúmulo.

impactante possível, ou se ela é negativa para todo sistema natural. A problemática levantada é comparada por Portela e Gomes (2005) como danosa ao ambiente, já que para extrair a argila, diversos elementos naturais são intemperizados. Devem, portanto, ser pensadas técnicas plausíveis onde o impacto ao solo, as vegetações primárias e a mata ciliar não sejam modificados a um fator negativo.

Pensando nessas preocupações sobre os elementos naturais e seu ecossistema, o saber sobre as técnicas de tratamento dos recursos é a principal solução no que se relaciona ao equilíbrio. Santos (1994 *apud* PAZ *et al.*, 2015) aponta para uma valorização da praticidade e da técnica nessa forma de manejo, pois é sobre esses dois pontos que o ser humano se relaciona, impondo relações, administrando o seu entorno social. E essas formas de fazer e agir vem a ser o processo pelo qual se altera a forma da natureza.

Pode-se relacionar os métodos dos artesãos do Cafezal, sobre os seus trabalhos e ações de equilíbrio, ao meio ambiente, já que a extração não é constante, existem sujeitos qualificados para extrair o solo, a argila é selecionada e, assim, não há remoção das outras camadas do solo, por priorizar as áreas já em degradação natural e reutilizar a argila restante das produções. Todavia, é necessário correlacionar quais foram os impactos socioambientais aos moradores da área, vislumbrando o âmbito representativo e identitário ao território e sua relação com o meio ambiente nos parâmetros atuais.

Um processo que poderia solucionar vários problemas socioambientais, se essas práticas fossem ampliadas, um uso consciente para a continuidade da sociedade. O que ocorre em um município como Barcarena em que as questões ambientais são tão frágeis diante de como a natureza é vista e tratada. No município existem oito barragens com rejeitos de minério de ferro, devido às empresas mineradoras que atuam ali possuírem um grande parque industrial minero-metalúrgico.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Para Nahum (2011) e Silva; Hazel (2019) o planejamento e inserção das atividades minero-metalúrgicas chegaram na cidade de Barcarena a partir de 1980, sendo processos periódicos de instalação do sistema de engenharia produtor primário de alumínio da Albrás/Alunorte. Esse grande empreendimento acarretou diversas mudanças na construção socioambiental do município, que veio a se ressignificar a partir do trabalho minerador.

## 6. A perpetuação dos saberes através do artesanato: Do reconhecimento pela conservação territorial e a representatividade social

Os artesãos do bairro Cafezal ganharam reconhecimento mediante ao trabalho desenvolvido em seu território e para além do “fazer peças em argila”. Esse prestígio é dado aos sujeitos pelo relevante desempenho no saber artesanal, desde os mestres, passando pelos facilitadores até os demais beneficiários.<sup>20</sup> No que versa a conceituação do reconhecimento individual dos artesãos, quem se destaca é o mestre-artesão Francisco Cardoso que por meio da argila, reproduz suas memórias em arte e recriando uma maquete fidedigna do antigo Casarão e Engenho de produção de açúcar (**Mosaico de Fotos 6**). Uma das primeiras produções artísticas construída pelo artesão ainda no ano de 2005, já que ele era o único que poderia desempenhar tal função, por ter vivido no monumento arquitetônico, juntamente de sua esposa, e ter esse memória simbólica e afetiva com o território, uma identidade-territorial com o lugar.

---

<sup>20</sup> A ideia de beneficiários condiz ao público que tem interesses ao aprendizado artístico desenvolvido pela associação, cabe aos mestres e facilitadores beneficiar com conhecimento e prática os sujeitos dispostos a aprender sobre o trabalho desenvolvido.



**Mosaico de Fotos 6 (a, b, c, d, e, f) – Maquete de argila do antigo casarão e engenho, produzido pelo mestre Cardoso.**



Fonte: Trabalho de campo (07/02/2020).

Observa-se que a maquete se encontra deteriorada, devido ao tempo de criação da mesma, há cerca de 20 anos. Todavia, os artesãos conservam ao máximo o que ainda resta de uma memória única, materializada na maquete que levou aproximadamente três meses para ficar pronta. Conforme os relatos, as confecções criaram a lembrança que os vincula com uma espécie de memória do território:

O casarão tinha um formato da letra U, a parte que ficava de frente para o rio [foto a] era escadaria, ela dava acesso aos quartos e áreas do corredor [foto “b” e “c”], somente que não estava ligado ao casarão era a área de fabricação do café com o açúcar e a cachaça quando faziam [Foto “d”] e também a padaria [foto “e”] onde os escravos passavam a maior parte do tempo trabalhando com a própria produção pra exportar (Francisco Cardoso, entrevista em 11/09/2018).

Em exposição no ateliê da entidade essa maquete em argila atrai olhares do público, pois o local sempre recebe visitas de turistas, pesquisadores e pessoas curiosas sobre o trabalho da associação, o que levou rapidamente a instigação e olhares para a representação do casarão. O Cafezal ficou conhecido pela prática artesanal e seus praticantes-artesãos e, muitas das vezes, isso levou os próprios meios midiáticos de informação a expor matérias sobre o trabalho de resgate memorial não só do Cafezal, mas também de Barcarena, fato este que é constatado nos noticiários de um jornal regional do ano de 2010, em uma reportagem sobre o trabalho dos artesãos e sua objetividade com a prática artística (**Mosaico de Fotos 7**).

**Mosaico de Fotos 7 (a, b, c)** – Publicações do artesanato e os objetivos dos artesãos no bairro Cafezal, em jornal municipal – 2010.



Fonte: Acervo pessoal dos artesãos da Associação Natureza & Arte – Jornal “O CIDADÃO”, coluna Cultural, data da publicação: 27/11/2010.



A comunidade local é conhecedora do trabalho, por mais que existam aqueles “não-praticantes”; os adolescentes, jovens, adultos e idosos já praticaram algum trabalho na entidade ou se vincularam temporariamente com as atividades de fabrico-cerâmico. Essa participação comunitária eleva a abrangência dessa comunidade artesã pelo bairro, além de disseminar os conhecimentos históricos territoriais, e a importância do artesanato para os moradores como mantedor cultural barcarenense.

O mestre-artesão Cardoso passou a ser uma figura de maior representação social no meio dos artesãos do Cafezal, fortalecendo os laços e a luta por reconhecimento, tornando-se uma liderança forte na prática artesã no bairro e no município de Barcarena. A visibilidade dessa representação e identidade do território fora mostrada em âmbito Nacional em meados do ano de 2017, resultado da influência, cuidado com a natureza e ensino aos próximos artesãos. Esse marco histórico foi registrado no ano de 2019 pela prefeitura de Barcarena, por meio de um documentário, como mostra a **Foto 2**:

**Foto 2** – Registo do documentário, “riquezas culturais” – 2019.



Fonte: Trabalho de campo (07/02/2020).

Com a forte representatividade da associação e uma repercussão nacional, sendo um adicional atrativo para a cultura barcarenense, a Prefeitura Municipal de Barcarena e a Secretária de Turismo do Estado do Pará (SETUR), realizaram um documentário na

associação dos Artesãos, tendo como entrevistado o Mestre Cardoso. O documentário rendeu um vídeo comercial em horário nobre aos domingos, durante os comerciais do programa “Fantástico”, da rede Globo, nos meses de maio e junho do ano de 2019. O intuito era tornar o Cafezal como parada geoturística no município de Barcarena no mês das férias, julho, dando aos visitantes opções culturais em suas rotas de veraneio.

Os artesãos do Cafezal passam, então, a reivindicar projetos, ações e a atenção dos órgãos governamentais. Essa inquietação e articulação por parte dos sujeitos moradores do cafezal é descrita por Cruz (2011), quando esse autor explica sobre a luta dos movimentos sociais na Amazônia, sua busca pelo reconhecimento, mas sem a interferência de uma política monopolista:

Os movimentos sociais lutam pelo reconhecimento por parte do Estado de uma outra ordem jurídica, uma matriz de normatividade alternativa que possa garantir as diversas modalidades de territorialização que não se enquadram inteiramente dentro do modelo da propriedade capitalista e do direito liberal individual. Neste sentido, busca-se o reconhecimento de um quadro normativo capaz de reconhecer direitos pautados no uso, na tradição, nos chamados direitos consuetudinários ou “direitos costumeiros”, direitos esses ignorados ou invisibilizados no estatuto jurídico estabelecido” (CRUZ, 2011, p. 40).

A organização desses grupos, sobretudo o grupo de artesãos, fortifica as características territoriais, que estão atreladas ao seu caráter representativo e identitário no território como destaca Cruz (2011) e buscamos evidenciar nesse trabalho. Porém, muito do que há de contrapartida financeira ou assistencialista é gerada pelo próprio grupo, caso em que se enquadra a associação Natureza & Arte, pois, tanto a administração quanto o Estado ainda precisam garantir a qualidade e o estímulo às atividades desses artesãos, dando mais visibilidade e criando projetos inovadores que gerem o lucro local sem necessitar da exploração capitalista monopolista.

A ideia conjunta dos moradores é oriunda de práticas que foram construídas desde a iniciação do grupo no ano de 1998, ou antes mesmo desse ano, já que esses já tinham consigo a noção de busca de representatividade a partir do conhecimento e práticas

locais com o extrativismo, cuidando para que cada traço do saber, seja perpassado às gerações futuras.

## **7. A importância dos saberes artesanais para a população do bairro Cafezal**

Para além de tornar as produções artesanais uma “contribuição econômica” na vida dos moradores do Cafezal, a ideia de assegurar uma relação equilibrada com a natureza é ainda mantida e sobreposta na continuidade para novos praticantes. Uma ideia que para Porto-Gonçalves (2006) coloca-se como meio de difusão do movimento ecológico, não sendo apreensível, portanto, do mesmo modo que os demais corpos que se movimentam social e politicamente, pois consegue envolver a comunidade nas construções artesanais e nas de seus próprios saberes, alimentando o vínculo com a natureza, ou seja, uma importância mais que social: histórica, cultural e até biológica do humano com a terra.

336

No ano de 2018, sobretudo nos meses de março a dezembro, a associação desenvolveu um projeto de prática artesanal financiado pelo Fundo Socioambiental Caixa (FSA), com o foco nos moradores em vulnerabilidade social. Foi ofertado o curso artesanal com argila e sementes nativas amazônicas, onde cerca de 400 mulheres foram contempladas.<sup>21</sup> A formação ocorria durante dois dias na semana (às terças e quintas-feiras) no turno da tarde, as turmas eram revezadas, ou seja, podiam ir apenas de 30 a 50 mulheres acompanhar cada fase da produção.

Ao longo do curso foram ensinados os conceitos da importância do artesanato para as populações extrativistas, rurais e ribeirinhas. Oferecendo momentos de observação e de assistência social específica, que foram incluídos para observar as

---

<sup>21</sup> As artesãs em formação eram de áreas adjacentes ao bairro Cafezal; mais exatamente, dos rios e ramais.

mulheres com potencialidades no manuseio prático da argila e das sementes. Tudo realizado mediante o apoio dos mestres e dos artesãos mais experientes (**Mosaico de Fotos 8**).

**Mosaico de Fotos 8 (a, b, c, d)** – Ensino artesanal para mulheres do bairro Cafezal (2018).



Fonte: Acervo documental da associação Natureza & Arte.

A foto “a” mostra a prática com a argila para a construção em cerâmica das peças, utilizando moldes e a noção criativa da arte em argila. Já nas fotos “b”, “c” e “d”; revela-se sequencialmente a produção artesanal com as sementes nativas amazônicas. Especificamente na fotografia “b”, mostra-se o mestre Cordeiro<sup>22</sup> retirando pedaços minúsculos de talas vindos da árvore Pupunheira (*Bactris gasipae*) para a fabricação de brincos personalizados nesse tipo de madeira do interior da floresta amazônica.

<sup>22</sup> Mestre e instrutor da *Natureza & Arte*, sua especialidade no artesanato versa o trabalho com madeira; criação de louças, esculturas, canetas, adereços, todos os elementos originários da Silvicultura.

Já a foto “c”, mostra a coleta dos materiais a serem trabalhados, sendo colhidas pelas próprias alunas-artesãs à margem dos rios, as sementes selecionadas eram os caroços do fruto Açaí (*Euterpe oleracea*), olho-de-boto e outras sementes, conforme o gosto e a habilidade das artesãs. Por último, na foto “d”, são vistas as sementes tingidas e prontas a serem trabalhadas na confecção. O material final com a argila e com as sementes são chamadas de biojóias, expostas no **Mosaico de Fotos 9**, a seguir:

**Mosaico de Fotos 9 (a, b)** – Produto final das artesãs do cafezal – argila e biojóias.



Fonte: Acervo documental da associação Natureza & Arte (18/01/2020).

Gonçalves (2001 *apud* CRUZ, 2011) afirma que as identidades coletivas surgem de velhas condições sociais e étnicas, sendo chamadas de “novas construções”, pois, esses novos sujeitos que se apresentam de múltiplas denominações e apontam para a construção de novas e múltiplas identidades – como vem a ser o caso das práticas ou mesmo os objetivos iniciais dos artesãos no ano de 1998, cuja proposta era desenvolver práticas que elevassem a cultura do bairro cafezal. Após 10 anos, em meados de 2008, há uma (re)configuração nos costumes de produzir as peças, de relatar o histórico, de se modernizar perante os conceitos tecnicistas da produção artesanal, de ganhar olhares

para além da região e de inserir novos atores sociais com diferentes abordagens e preferências na prática cultural local.

Mas, os preceitos originários e objetivos do que impulsionaram o pequeno grupo ainda no fim dos anos 1990 são mantidos para as próximas gerações de artesãos, uma visão do “por que fazemos artesanato” é colocada pelos artesãos mais antigos com o intuito de perpetuar os traços originários da prática artesã no Cafezal. Essa ideia é colocada por Cruz (2011) como politização da cultura, dos modos de vida e práticas “tradicionais”, isto é, por mais que haja a transformação das práticas identitárias na comunidade, valorizar a memória, os costumes e os saberes tradicionais reafirmam a força da representatividade cultural no território.

## Considerações finais

Podemos observar, no bairro do Cafezal, um vasto campo de pesquisa que estabelece relações de conhecimento, entre eles entre o social e o ambiental em sentido estrito. Nesse contexto, surge a possibilidade de enxergar a Ecologia Política como algo socialmente imanente, com o seu conhecimento se enraizando nos modos de vida e nos “saberes do território” – isto é, nos saberes populares e das sociedades que vivem/são com a natureza. Por isso, torna-se importante o estudo dos lugares e/ou das identidades territoriais, para não se criar e alimentar apriorismos de um “lugar de enunciação” para ser vendido como verdade universal. Pelo contrário, busca-se construir uma Ecologia Política do conhecimento territorializado nas ações, no trabalho e na produção além das metamorfoses paisagísticas passadas ao longo do tempo, que necessitam ser transescalares.

A realidade que permeia o coletivo de artesãos está focalizada no seu crescimento econômico, no desenvolvimento cultural e em mais representatividade, utilizando-se como elemento formativo para a continuidades das memórias da comunidade, visto que



suas ações e práticas agregam novas ideias ao segmento das biojóias e do artesanato. Porém, manter como base os motivos que levaram à iniciação artesanal na comunidade do Cafezal, deve ser perpassada para os novos agentes, novos membros da comunidade. São práticas que constroem o saber ambiental, ao mostrar que o conhecimento identitário se constrói mediante a conjunção dos processos de naturezas diferentes, ou seja, aquilo que dá sentido ao meio cultural do território, que nos remete à valorização dos saberes do Cafezal, aos projetos políticos diversos - menção esta que relembra o auxílio da SEASTER e do SEBRAE sobre a prática artesanal na comunidade apresentada.

E é por isso que a instrumentação de análise da pesquisa vem a ser pelo enfoque da Ecologia Política, pois é através dela que podemos delimitar uma visão crítico-social das relações de poder, dos fatores econômicos e dos quadros culturais. A Ecologia Política contribui, ainda para reformulações, e mais plurais, dessas noções dialéticas nas quais o humano interfere, assim como nos processos geoecológicos, além de, ao mesmo tempo, depender do condicionamento disposto pelos elementos naturais.

Essas análises foram diagnosticadas mediante o antropismo de extração do solo argiloso das margens do Rio Cafezal; podemos conceituar o impacto nas áreas mostradas através da carta-imagem como “reduzido”, uma vez que a prática extrativista exercida localmente não é constante, mas sim periódica, além de não exaurir o teor argiloso e sim selecioná-lo. Busca-se também as áreas já em degradação natural, onde não se faz necessário o desmatamento de áreas de mata ciliar.

A resistência das ideias e a conservação dos elementos naturais remetem à ação de sustentabilidade, mas o fator sustentável somente existe por crises do “passado” que forçosamente modificaram a atualidade. Por isso, a resistência da identidade e da conservação ambiental está atrelada ao precedente econômico das produções cerâmicas no lugar de pesquisa e, devido ao processo de politização dos saberes para as gerações seguintes. A cautela em enfatizar os cuidados da prática sustentável deve ser empregada na reeducação ambiental dos atores – tal ação deve prevenir esses novos atores de olhares errôneos sobre os elementos dispostos pela natureza, e isso é uma forma de se

reconstituir o saber originário das identidades, além de dar alusão ao quão importante é aprender o teor complexo da racionalidade sobre o ambiente.

Para não concluir a pesquisa, mas sim este trabalho, vimos que o bairro Cafezal tem características históricas importantes – a importância do engenho para a região, junto à negatividade voltada à demolição do projeto arquitetônico, ponto culminante no ano de 1998 para a construção do grupo de artesãos. Tal grupo que, ao longo do tempo, foi se (re)configurando na tendência dos saberes e técnicas de extração e de produção, transformando, inclusive, a si próprio e incrementando novos atores participativos. Desde a iniciativa do artesanato no bairro, os moradores não intervieram na prática, pelo contrário, eles acharam de extrema validez o seu caráter representativo, além de relatar que não há impactos na extração da argila nas áreas de retirada da matéria-prima – o que pontua essa prática como equilibrada sobre o lugar e, portanto, configura o Cafezal como território de artesãos.

## Referências

- ALMEIDA, Samuel Soares de; AMARAL, Dario Dantas do; SILVA, Antonio Sérgio Lima da. Análise florística e estrutura de florestas de várzea no estuário amazônico. **Acta Amazônica**, v. 34, nº 4, pp. 513-524, 2004.
- BICUDO, Vanessa Cristina; COSTA, Sandra Maria Fonseca. Estudo da Importância do Mercado Informal do Açaí na Cidade de Ponta de Pedras, (PA). In.: Encontro de Iniciação Científica e Pós-Graduação da UNIVAPV - Biodiversidade, Conservação, Preservação e Recuperação. [**Anais...**]. São José dos Campos-SP, 2010.
- BARCARENA, PREFEITURA MUNICIPAL DE. Disponível em: <<https://www.barcarena.pa.gov.br/portal/noticia?id=1318&url=praa-do-cafezal-em-fase-final-deacabamento#:~:text=Em%20breve%2C%20cerca%20de%201.500,pr%C3%A1tica%20de%20esporte%20e%20lazer/>>. Acesso em 20/11/2020.



- BOURDIEU, Pierre. **Les trois états du capital culturel**. Actes de la recherche en sciences sociales, nº 30, pp. 3-6, 1979.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Café, Coffee**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. (Cartilha Temática). Brasília-DF, 2005.
- CARNELOS, Cristina Marcolla. **Design e artesanato: uma experiência com a produção de cerâmica local**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.
- CANDIA, Sidnei Schwanck de. **A cerâmica no processo de fazer arte**. Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma-SC: Edunesc, 2011.
- CRUZ, Valter do Carmo. **Lutas sociais, (re)configurações identitárias e estratégias de reapropriação social do território na Amazônia**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal Fluminense. Niterói-RJ, 2011.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA E AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). **Caracterização e Classificação dos Solos do Município de Barcarena, Estado do Pará**. (Documento 154). Belém/PA, 2003.
- FONTES, Edilza Joana Oliveira; RIBEIRO, Fabrício. Os trabalhadores do açaí na Amazônia: cotidiano, natureza, memória e cultura. **Revista de História Oral**, v. 1, nº15, pp. 81-106, 2012.
- GUIMARÃES, Luiz Antônio Valente. **De chegadas e partidas: migrações portuguesas no Pará (1800-1850)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Pará, 2016.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Manual técnico de pedologia**. Manuais técnicos em geociências. Rio de Janeiro, 2007.
- LEFF, Enrique. Ecologia Política: uma perspectiva latino-americana. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 27, pp. 11-20, 2013.
- LEFF, Enrique. **A complexidade Ambiental**. São Paulo: Editora Cortez, 2003.
- MAIA, Rosane de Oliveira. **Territorialidades específicas em Barcarena confrontadas com projetos de "desenvolvimento"**. Tese (Doutorado em Ciências do Desenvolvimento) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

- NAHUM, João Santos. Usos do território e poder de atraso em Barcarena (Pará). **Cuadernos de Geografía Revista Colombiana de Geografía**. v. 20, pp. 47-54, 2011.
- OLIVEIRA, Maria Gabriela Teixeira; SILVA, João Victor Teixeira; et al. Produção de Peças Cerâmicas pela Técnica de Colagem de Barbotina Utilizando Argila da Região de Jacobina-Bahia. In.: X Simpósio de Engenharia de Produção de Sergipe. **Anais [...]**. São Cristovão-CE, 2018.
- PAZ, Yenê Medeiros; GOUVEIA, Renata Laranjeiras; SILVA, Jadson Freire; HOLANDA, Romildo Morante de. A atividade de extração de argila e a relação homem-natureza. **Geama Journal**, v. 1, nº 2, pp. 261-274, 2015.
- PORTELA, Mugiany Oliveira Brito; GOMES, Jaíra Maria Alcobaça. Os danos ambientais resultantes da extração de argila no bairro olarias em Teresina - PI. In.: II Jornada Internacional de políticas públicas. [**Anais...**]. Universidade Federal do Maranhão-UFMA. São Luís - MA, 2005.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Os (des)Caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- REIS, Walery Costa dos. **Criação de Valor Simbólico no Artesanato Quilombola de Moju, no Pará**: um Estudo no Campo do Empreendedorismo Cultural sob a Ótica da Teoria da Recepção de Stuart Hall. Tese (Doutorado em Administração). Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 2016.
- SCHIMITH, Cristiano Descovi; ALVES, João Victor Reis; FONSECA, Roberta Carolina Salgado. O desenvolvimento de ações sócio-produtivas em associações de agricultura familiar na região amazônica. **Revista de Administração da UFSM**, v. 11, n.p., 2018.
- SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO (SETUR). **Inventário de oferta turística de Barcarena**. Disponível em: [http://www.setur.pa.gov.br/sites/default/files/pdf/inventari\\_barcarena2011final\\_2/](http://www.setur.pa.gov.br/sites/default/files/pdf/inventari_barcarena2011final_2/) Acesso em 20/11/2020.
- SILVA, Silvany Favacho da; HAZEL, Marcel Theodoor. O complexo industrial-portuário em Barcarena e a saúde de comunidades tradicionais na Amazônia brasileira. **O Social em Questão**, v. 21, nº 44, pp. 171-194, 2019.
- SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. **Caderno Informare**, v. 1, nº 2, pp. 24-36, 1995.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O que é a Geografia Ambiental? **AMBIENTES: Revista de Geografia e Ecologia Política**, v. 1, nº 1, pp. 14-37, 2019.

TEIXEIRA, Isabella Lorenzini da Silva. **Potencial produtivo e econômico do açaí (Euterpe oleracea Mart.) no estado do Pará**. Dissertação (Mestrado em Análise e Modelagem Ambiental). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2018.

**Luiz Augusto Soares Mendes** é Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Professor do curso de Geografia na Universidade do Estado do Pará (UEPA). **E-mail:** lasmgeo@hotmail.com

**Wesley Matheus dos Santos Cardoso** é Licenciado em Geografia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) e Professor no Instituto de educação básica “Cristo Rei”, Barcarena (PA). **E-mail:** wesleym.uepa@gmail.com

Artigo enviado em 03/05/2021 e aprovado em 04/06/2021.